

[H.P. Blavatsky, *Collected Writings*, Vol. XIV, p. 255, nota de rodapé]

§ O mesmo autor tinha (assim como os ocultistas) uma objeção muito razoável à etimologia moderna da palavra “filosofia”, que é interpretada como “amor pela sabedoria”, e não tem nada a ver com isso. Os filósofos eram cientistas, e a filosofia era uma ciência real — não simplesmente verborragia, como é nos nossos dias. O termo é composto por duas palavras gregas cujo significado pretende transmitir seu sentido secreto, e deve ser interpretado como “sabedoria do amor”. Agora, é na última palavra, “amor”, que se esconde o significado esotérico: pois “amor” não está aqui como um substantivo, nem significa “afeto” ou “carinho”, mas é o termo usado para Eros, aquele princípio primordial na criação divina, sinônimo de *πόθος*, o desejo abstrato na Natureza pela procriação, resultando em uma série eterna de fenômenos. Significa “amor divino”, aquele elemento universal da onipresença divina espalhado por toda a Natureza e que é ao mesmo tempo a causa principal e o efeito. A “sabedoria do amor” (ou “philosophia”) significava atração e amor por tudo o que está oculto sob os fenômenos objetivos e o conhecimento disso. Filosofia significava o Adepto mais elevado — amor e assimilação com a Divindade. Em sua modéstia, Pitágoras até se recusou a ser chamado de Filósofo (ou aquele que conhece todas as coisas ocultas nas coisas visíveis; causa e efeito, ou verdade absoluta), e se chamava simplesmente de Sábio, um aspirante à filosofia, ou à Sabedoria do Amor — o amor em seu significado exotérico sendo tão degradado pelos homens naquela época quanto é agora por sua aplicação puramente terrena.

[Gottfried de Purucker, *Preceitos de Ouro do Esoterismo* (2ª ed. rev. 1938), capítulo *O amor é o cimento do Universo*, pp. 107 e seguintes]

O amor é o cimento do Universo; ele mantém todas as coisas em seu lugar e em eterna preservação; sua própria natureza é a Paz celestial, sua característica é a Harmonia cósmica, permeando todas as coisas, ilimitada, imortal, infinita, eterna. Ele está em toda parte e é o próprio coração do coração de tudo o que existe.

O amor é a coisa mais bela e sagrada conhecida pelos seres humanos. Ele dá ao homem esperança; mantém seu coração em aspiração; estimula as qualidades mais nobres do ser humano, como o sacrifício de si mesmo pelos outros; traz o esquecimento de si mesmo; traz também paz e alegria que não conhecem limites. É a coisa mais nobre do Universo.

“Amai-vos uns aos outros” – uma bela frase, pois é um apelo ao âmago da vossa natureza, ao divino dentro de vós, ao deus interior, cuja essência é um esplendor celestial. A luz essencial de vós é o Amor todo-poderoso.

O amor é protetor; o amor é poderoso; é onipresente; e quanto mais impessoal é, mais elevado e poderoso é. Não conhece barreiras de espaço ou tempo, pois é a atividade fundamental da Natureza, a lei fundamental da Natureza, e é o vínculo universal de união entre todas as coisas. Ele não apenas corroerá a obstinação dos corações humanos mais duros e dissolverá a substância dos mais adamantinos, mas também infundirá lentamente seu calor vivificante em todos os lugares. Nada pode impedir sua passagem, pois ele é a própria essência da vida do Universo. Pois todos os seres e coisas são um, em última análise, todos enraizados na única VIDA, e através de todos flui a corrente constante e ininterrupta do Amor todo-poderoso.

O amor é o grande poder atrativo que liga as coisas entre si, o coração humano ao coração humano; e quanto mais alto se sobe na evolução, mais o amor envolve com seus tentáculos todas as fibras do ser; ou, para mudar a figura de linguagem, mais o coração humano se expande com amor, até que finalmente abraça em seus braços todo o Universo, de modo que se chega a amar todas as coisas, grandes e pequenas, sem distinção de lugar

ou tempo. Oh, a bem-aventurança desse sentimento, dessa compreensão! É divina, pois o amor, o amor impessoal, é divino.

O amor pessoal não passa de um reflexo dele; e o amor pessoal é falível, porque o raio é tão fraco. Tudo o que tem como causa motivadora o desejo de benefício pessoal não é amor verdadeiro.

No amor pessoal, os véus da personalidade começam a se tornar mais densos diante do olho interior, porque o desejo pessoal se acumula e se densifica na aura - a atmosfera psíquica que nos rodeia - e a condensa, e é isso que causa o espessamento dos véus psíquicos, obscurecendo a visão interior e a compreensão. A essência do amor verdadeiro é o esquecimento de si mesmo, e a essa regra não há exceções.

(...)

O amor é paz; o amor é harmonia; o amor é esquecimento de si mesmo; o amor é força; é poder; é visão; é evolução. Seu poder expande tanto a natureza interior que, lentamente, você se torna compassivo, porque se torna um com todo o universo em que vive, se move e existe; e porque é a própria harmonia, e porque é da própria essência do núcleo do Universo, você se torna um com a divindade no coração de todas as coisas.